



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

Nº 6 — 2ª SÉRIE

ABRIL DE 1964

PREÇO: \$50

## O DEBATE SOBRE AGRICULTURA E «A TERRA»

«A TERRA» dedica este seu número à crise geral da agricultura, vista através do debate realizado pelos deputados fascistas naquilo a que eles chamam a Assembleia «Nacional»!

Os camponeses há muito se habituaram a não dar ouvidos àquelas vozes. O nosso povo diz: «Vozes de burro não chegam ao céu». Aqueles deputados sentem-se um pouco com aquela pele pois um diz que já há anos ali alertou de problemas urgentes... «mas praguei no deserto!». E outro pergunta: «mas que mérito terá tido esta intervenção que não seja o de malhar em centeio verde?». Podemos afirmar: vozes de deputado salazarista não chega ao céu da Calçada da Estrela! Como hão-de elas chegar a nós, fartos de verificar

que todo aquele falatório não passa de demagogia, de tentativa de nos enganar, de nos adormecer, de nos deixar à espera do que de bom virá depois do debate.

Apesar disso, entendemos que, feita esta reserva, era de comentarmos algumas afirmações dos deputados, para que se verifique ao menos que nós sabemos que eles conhecem perfeitamente a nossa situação e que se nada fazem, eles e o seu governo, é porque não querem, porque nos desprezam, porque só pensam nas suas carteiras, nos seus depósitos nos bancos, nas suas enormes propriedades agrícolas e empresas industriais, nas suas minas e planta-

ções nas colónias!...

Eles conhecem o plano inclinado em que todos resvalamos para a miséria, para a perda das nossas terras, para a emigração. Nós sabemos que não podemos contar com eles e a isso dedicamos o presente número. Ele aqui fica, não como uma homenagem aos deputados fascistas — que nunca a mereceram — mas como uma acusação a Salazar e a todos os que, na Assembleia «Nacional», nos grêmios, nos ministérios, têm com ele colaborado e, ao serviço dos grandes monopólios da indústria e da agricultura, têm afundado a agricultura portuguesa.

### O QUE ELES REVELARAM na Assembleia «Nacional»...

Apesar de fascistas, apesar de estarem lá não para a servir os interesses da nação mas os seus próprios e dos seus patrões, banqueiros e proprietários, monopolistas e imperialistas, algumas verdades tiveram de dizer. Aqui ficam algumas:

«Em nenhum sector, como no da agricultura, é hoje tão geral e tão acentuado o sentimento dos próprios e o reconhecimento dos observadores quanto à insuficiência da retribuição do trabalho desenvolvido e das especulações empreendidas» (eng.º Amaral Neto).

«Cada dia mais consciente das forças que se têm abatido sobre ela, e da sua impotência para lhes resistir sozinha, a agricultura sente-se também objecto de um movimento lento mas inexorável de descalfificação, de perda da estima da sociedade urbana» (eng.º Amaral Neto).

«As dívidas contraídas sob garantia hipotecária de prédios rústicos têm aumentado constantemente, passando da média anual de 166.000 contos no triénio de 1951 a 1953 a 612.000 contos no triénio de 1960 a 1962. Em 12 anos a lavoura endividou-se de novo (isto é, deduzindo as dívidas liquidadas por hipotecas canceladas), no total de quase 5.000.000 de contos, mas endividou-se a ritmo galopante!» (eng.º Amaral Neto).

(continua na pág. 2)

### VIVA O 1º DE MAIO!

Mais um 1º de Maio se aproxima e mais uma jornada de luta se vai travar entre o povo português e o governo fascista de Salazar.

O 1º de Maio é o dia da Jornada Internacional do Trabalho. E como tal, assim é comemorado nos países socialistas, naqueles países onde já acabou a exploração do homem pelo homem e onde os trabalhadores, aliados aos camponeses são os senhores dos seus destinos. Mas nos países capitalistas e, particularmente naqueles em que domina o fascismo, o 1º de Maio é um dia de luta pelo Pão, pela Liberdade, pela Paz e pela Democracia.

CAMPONESES DO NORTE! Se quiserdes que os vossos produtos sejam escoados e melhor compensados; se quiserdes ter uma vida mais desafogada e não caíres na ruína; se não quiserdes que os vossos filhos ou parentes morram ingloriamente em Angola e Guiné, uni-vos aos operários e lutai contra o governo fascista de Salazar! No dia 1º de Maio concentrar-vos junto do Governo Civil, Câmara e organismos corporativos e exigis a satisfação das vossas reivindicações!



# OU AS CONDIÇÕES MELHORAM OU ACABA A AGRICULTURA afirmou um deputado salazarista; e nós corrigimos dizendo: OU O POVO PORTUGUÊS ACABA DEPRESSA COM O FASCISMO OU O FASCISMO ACABA COM A NAÇÃO»

Assim comentava a Rádio Portugal Livre em 27 de Fevereiro o debate sobre a agricultura que os deputados fascistas fizeram na chamada Assembleia Nacional.

E porquê? Porque já não é a primeira vez que os deputados discutem os problemas agrícolas, fazem algumas afirmações fortemente realistas para logo terminarem as suas considerações e debates com a afirmação de confiança na política de Salazar. Quer dizer: Afirmando que tudo está mal e depois declaram que a política salazarista é boa e que deve prosseguir embora melhorando.

Também desta vez tudo terminou com o apoio aos princípios da chamada reconversão agrária, que é o nome actual das medidas reacçãoárias adoptadas pelo fascismo contra os camponeses. Prova-se assim que ninguém poderá esperar dos deputados e do governo as medidas e soluções que a mais grave crise da agricultura impõe.

Para que as condições melhorem é necessário que sejamos nós os camponeses, donos das pequenas e médias parcelas da terra portuguesa que ainda não estão nas mãos dos enormes proprietários e capitalistas da terra e nós os que arrendamos uns palmos de terra aqueles que possuem hectares às centenas, temos de ser nós todos a exigir do governo as me-

lhorias que os deputados só ousam aflorar quando lhes autorizam os patrões ministros e o seu chefe Salazar.

Temos de nos unir; temos de nos reunir e discutir; temos de decidir, protestar e reclamar; temos em seguida que exigir resposta positiva às nossas reclamações; temos de dizer ao governo que não nos escuta que queremos um governo que nos ouça; temos de nos unir às restantes classes e de nos batermos como um só homem contra os que tanto mal nos têm feito e estão prontos a continuar, lançando-nos na negra miséria em que pouco a pouco têm vindo a lançar toda a população portuguesa.

Os deputados disseram que se as condições não melhoram acaba a agricultura, mas não disseram que a maioria deles são grandes proprietários ou maridos das filhas de grandes proprietários e, portanto, têm apoiado a política salazarista de estrangulamento da agricultura sem se importarem com a nossa sorte. Se hoje se mostram um pouco assustados é por causa da falta de mão de obra, da concorrência estrangeira, da falta de mercado interior e exterior, etc.

Quem tem razão é a Rádio Portugal Livre: se nós camponeses não vamos engrossar a luta dos operários industriais e agrícolas, dos empregados, dos estudantes, dos intelectuais e dos militares progressistas e acabar depressa com o fascismo é o fascismo que acaba com a nação!

## O QUE ELES REVELARAM...

«Há uma crise aguda da agricultura, e estes planos de viragem e de reconversão, por mais voltas que lhes demos ao apreciá-los, tais como os nossos planos pouco antes preconizados, nada nos oferecem de soluções imediatas» (eng.º Amaral Neto).

«O certo é serem gerais as queixas, prementes as aflições, e instantes os pedidos de providências rápidas, do Minho ao Algarve, se não também da ilha das Flores à ilha da Madeira» (eng.º Amaral Neto).

«Desde 1948 nem um só dos cereais principais ou secundários subiu de preço no produtor; vários desceram até; o leite teve valorizações modestas, e está certamente mais barato do que as águas minerais e as bebidas mais correntes, consumidas em maiores quantidades sem protestos, cujo custo real de produção não lhes é comparável» (eng.º Amaral Neto).

«E em nome do direito à simples sobrevivência de mais de 4 milhões de portugueses e do direito à vida melhor de outros tantos, que eu proclamo a crise agrícola nacional não como mal crónico mas como afecção

agradadíssima requerendo as mais atentas, energias, prontas e eficazes providências» (eng.º Amaral Neto).

«Só nos últimos 3 anos importámos de trigo, milho, arroz, batatas e carne mais de 2 milhões de contos e os valores vão em escala crescente» (eng.º Nunes Mexia).

«Não compreende a Lavoura que seja justamente no momento de crise agrícola que se vai aumentar a sua carga fiscal, actualizando as matrizes» (eng.º Nunes Mexia).

«Lamentavelmente, temos de reconhecer que a situação, de um modo geral, piorou, a despeito dos inúmeros pedidos de socorro.» (eng.º Calheiro Lopes).

«A situação é hoje pior que há um ano e cada dia que passa torna mais difícil a solução de um problema que em verdade podemos dizer afecta todo o País.» (eng.º Nunes Mexia).

«Notório e de conhecimento geral que a economia agrícola se encontra numa conjuntura perigosa e vive um momento anormal, grave, e difícil» (dr. Proença Duarte).

«A agricultura está desmedidamente endividada, atingiu de 8 ou

10 milhões de contos o montante das dívidas da lavoura; os empresários agrícolas encontram-se sem reservas e, por tal, incapazes de fazer quaisquer investimentos na terra, quer para remuneração imediata, quer para remuneração a prazo, e assim se vão empobrecendo as terras e diminuindo as possibilidades de a agricultura contribuir para o aumento do produto nacional bruto, dentro de curto prazo; e também são realidades: dia a dia vem baixando o preço da terra; desaparecem os rendeiros; a parte válida da população rural abandona o campo e emigra para as cidades e para o estrangeiro em proporções anormais. Ninguém quer empregar capitais na aquisição de terras nem trabalhar nelas» (dr. Proença Duarte).

«Limitam-se a comprar o vinho ao produtor, esmagando o preço em prejuízo da qualidade (e, quantas vezes, do seu estado sanitário) para no dia seguinte o lançarem no mercado, muitas vezes sem a indispensável preparação.» (Alfredo de Brito)...



## Não queremos mais guerra!

Não queremos continuar a aguentar!

Esta é a nossa resposta ao ministro da Economia que, também ele, interveio no debate fazendo ler por dois criados—deputados uma sua comunicação.

Como sempre a linguagem do ministro é confusa e longa. Mais uma vez um colaborador directo de Salazar quer mostrar que se interessa pela sorte (pela pouca sorte) dos pobres agricultores. E vai daí toca a bater nos intermediários («Se pensarmos, porém, no produtor agrícola que vê uma multidão de intermediários na colocação dos seus produtos; que vê chegar os produtos industriais através de outra cadeia de intermediários (...) não surpreende que as queixas se acumulem nesta matéria») como se não fosse o salazarismo que estruturou a agricultura na base dos intermediários, como se não fossem os Grémios, Institutos, Comissões Reguladoras, etc, grandes intermediários criados por Salazar para enquadrar e abafar toda a independência dos agricultores.

O documento do ministro não pode deixar de pôr a nu a péssima situação da agricultura nacional e o lugar mais inferior que ela ocupa nas tabelas europeias. Mas como não tem solução para apresentar, o ministro refugia-se, como outros têm feito noutros ministérios na grave situação que o País atravessa devido à guerra colonial que o fascismo conduz em Angola e na Guiné e que o ministro chama com o ar mais natural (melhor diríamos sem vergonha) deste mundo, de defesa da Pátria. Assim é que se pode ler: «Mas a política agrícola, como qualquer política sectorial, não pode nem deve desligar-se do conjunto da actividade económica e das circunstâncias conjunturais (...) Quanto às circunstâncias pouco será necessário acrescentar. E entre elas tenho certamente de mencionar e sublinhar o esforço com a defesa, que é prioritário no conceito nacional.»

A isso, senhor ministro, só podemos responder: nós, os camponeses, lavradores do Norte, rendeiros das Beiras, operários agrícolas do Sul, agricultores de todo o país, estamos sofredores de um ataque, somos vítimas de um agressor, com efeito. Mas não é o povo de Angola que nos ataca, nem o da Guiné o agressor. Quem nos reduz à miséria, nos leva o dinheiro em impostos, nos aniquila como pequenos e médios proprietários ou rendeiros é o governo de Salazar. Temos de facto de fazer um grande esforço de defesa, mas esta só nos defenderá verdadeiramente quando passarmos ao ataque e, em conjunto com todo o povo, retirarmos do poder Salazar e a sua camarilha.

Se assim é, não nos venham dizer que nos estão defendendo em Angola. A nossa terra em perigo situa-se aigures no Minho ou no Algarve, é uma parcela de Trás-os-Montes ou da Estremadura, um terreno regado pelo suor dos nossos familiares das Beiras ou do Alentejo, invadido anualmente pelas águas do Tejo ou ameaçado pelos sismos dos Açores, mas nunca em África! Quando falais da defesa em África completai o vosso pensamento: da defesa da Companhia dos Diamantes de Angola, da defesa do Banco de Angola, do Caminho de Ferro de Moçamedes, etc, etc. E nessas companhias e sociedades não temos acções! Iêm-nos as grandes tubarões capitalistas e colonialistas que, não nós!

É preciso portanto gritar: que os dinheiros da Nação sirvam para defender os camponeses da catástrofe para onde os estão a atirar a guerra colonial e o regime fascista de Salazar! Que se ponha fim às guerras coloniais! Que se acabe com o regime de Salazar! Que se ajude a pobre agricultura portuguesa! Que os camponeses se defendam eles mesmos unindo-se, lutando e conquistando a melhoria de condições a que todos temos direito!

## GREVE VITORIOSA

GES  
PCP

### dos trabalhadores de Vermiosa!

Os trabalhadores agrícolas de Vermiosa (concelho de Figueira C. Rodrigo) desencadearam em meados de Janeiro uma greve por aumento de jorna a qual se prolongou por duas semanas, findas as quais os proprietários foram forçados a ceder à luta unida e firme dos trabalhadores, que passaram a ganhar 25\$00, em vez dos 20\$00 que ganhavam anteriormente. Desta importante vitória beneficiaram também os trabalhadores de Almeida e Malpartida que, ao serem informados pelos seus camaradas de Vermiosa imediatamente se solidarizaram com eles, recusando-se igualmente a trabalhar enquanto não fosse satisfeita a reivindicação lançada pelos trabalhadores de Vermiosa.

Mais uma vez o governo fascista de Salazar mostrou a sua verdadeira face, de inimigo dos trabalhadores, enviando para a região forças da GNR e da Pide com o objectivo de fazer fracassar a justíssima luta dos trabalhadores. Mas também mais uma vez estes mostraram que quando lutam firmes e unidos constituem uma grande força e que podem fazer recuar as próprias forças repressivas. Apesar de terem efectuado algumas prisões, não conseguiram intimidar os valentes trabalhadores em greve, os quais só retomaram o trabalho quando lhes foi concedido o aumento de 5\$00 por dia e quando foram libertados os seus camaradas presos.

«A Terra» saúda os valentes trabalhadores agrícolas de Vermiosa, Almeida e Malpartida, e aponta o seu exemplo aos camponeses (proprietários agrícolas, rendeiros, etc.) da região como o caminho a seguir para melhorarem a sua situação.

Camponeses da Beira Alta! Não é contra os trabalhadores rurais que vós deveis lutar! O aumento que eles agora conquistaram é ainda muito pouco para as suas necessidades, como aliás vós próprios o reconheceis! Deveis é seguir o seu exemplo e lutar contra os grandes lavradores que vos exploram com as rendas, forçando-os a baixá-las. Deveis lutar contra os organismos corporativos exigindo deles medidas que permitam a solução dos vossos problemas mais agudos: o justo pagamento e escoamento da batata; o pagamento a pronto do vinho que entregais à JNV; a concessão de créditos baratos e a longo prazo; o barateamento dos adubos e sementes, etc.

O vosso inimigo é o mesmo dos trabalhadores. É o governo fascista de Salazar! É contra ele que deveis lutar! Vós e os trabalhadores agrícolas são aliados nesta luta, pois da sua vitória todos colherão benefícios.

## RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 50 metros, das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros e das 0,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros.

Aos Domingos, em emissão especial, dedicada aos camponeses e agricultores, das 13 às 13,30 em 10, 20, 25 e 26 metros.



Um português que recentemente visitou a Checoslováquia fez através dos microfones da Rádio Portugal Livre uma série de palestras em que contava as suas impressões de viagem. Numa dessas palestras relatou a organização das Cooperativas Agrícolas naquele país socialista.

Segundo aquele português pôde observar, «a entrada nas cooperativas é voluntária. Todo aquele que queira entrar para uma cooperativa tem apenas de assinar o pedido que será discutido na Assembleia da cooperativa. Basta haver uma maioria de votos a seu favor para passar a fazer parte da cooperativa. (...) O camponês que entrou para a cooperativa comprometeu-se a cumprir os Estatutos da cooperativa; se quiser sair da cooperativa também o pode fazer, voltando a receber a sua terra.»

Cabe aqui explicar que estas cooperativas checoslovacas como as dos outros países socialistas são cooperativas de terras. Cada agricultor que entra para a cooperativa entra com a sua terra que passa a ser gerida em conjunto com as terras dos outros associados dessa cooperativa e de acordo com o interesse geral dos sócios. Por isso quando sai da cooperativa—o que é muito raro dadas as vantagens que tem como sócio—volta a receber a sua terra.

E como são administradas estas cooperativas? É o nosso compatriota que as visitou que nos responde: «Todas as cooperativas são dirigidas por comissões eleitas pelos seus membros. O mais importante organismo directivo é a Assembleia Plenária, que reúne TODOS os membros da cooperativa UMA VEZ POR MÊS». Isto quer dizer que qualquer descontentamento de um agricultor-sócio não tem de esperar a Assembleia anual para fazer discutir as suas opiniões. Ele pode fazê-lo todos os meses, até conseguir convencer os seus companheiros de que tem razão, levando assim a Assembleia a decidir das medidas que tornam possível acabar com os motivos de descontentamento.

«A Assembleia elege uma Junta Directiva para orientar os trabalhos, composta de 5 a 9 membros». Simplesmente entre esses membros tem, de haver obrigatoriamente um agrónomo, o que é garantia da assistência técnica e agrícola que as terras necessitam, assim como um contabilista, de forma a garantir uma correcta gestão financeira.

Se os sócios entram para a cooperativa com as suas terras, então, como vivem? O nosso compatriota revelou que é através de um salário de acordo com o trabalho que realizou nas terras da cooperativa. «Tem muito interesse saber como é calculado o salário dos cooperativistas. As diferentes faixas agrícolas são divididas em 7 quadros ou categorias, conforme as dificuldades da prestação do trabalho. As tarefas mais simples e menos qualificadas formam as primeiras categorias, e as últimas categorias englobam os trabalhos mais difíceis e mais qualificados. Existe depois uma escala de equivalências, tendo em conta o número de horas empregadas em cada trabalho o que permite estabelecer uma unidade de trabalho cujo valor é fixado pela Assembleia Plenária». Isto quer dizer que todos recebem salário dentro duma mesma norma e de acordo com o rendimento que deram às terras através do número de horas que a elas dedicaram. É a justiça da norma para o salário é perfeita pois são os próprios camponeses que decidem do seu valor nas Assembleias! Pode assim

dizer-se que são de facto os camponeses que administram a cooperativa!

«Além de dinheiro, o cooperativista recebe também uma parte da remuneração em produtos agrícolas. Em geral, a Assembleia dedica 10% dos lucros em dinheiro para o fundo indivisível, com o qual é financiada a compra de máquinas, a construção de novas instalações, etc. Cerca de 3% são destinados ao fundo social.»

Para completar este quadro de verdadeira administração da cooperativa pelos próprios camponeses, verifica-se que «a aplicação do fundo social é decidida pela Assembleia, em cada caso». Assim, são os camponeses que estabelecem os fundos a dividir pelos camponeses que já não podem trabalhar, pelos trabalhadores chefes de famílias numerosas, as verbas para as férias dos sócios, etc. Além disso, «os Estatutos das cooperativas checoslovacas são elaborados pelas próprias cooperativas nos seus Congressos».

É caso para perguntar: quantos milhares de camponeses que foram obrigados a vender por uns reais vinténs as suas terras, ou as viram partir atrás das hipotecas, ou que foram obrigados a emigrar não gostariam de formar entre si, nas suas regiões, livremente, por si sós, sem o dedo ladrão do Estado salazarista, cooperativas como as que existem na Checoslováquia? Simplesmente elas acabariam com a organização corporativa fascista e Salazar não o permite. Só pondo fim ao regime fascista se abrirão as portas às realizações dos camponeses, feitas pelos camponeses e para os camponeses!

## COMO ELES SE DESMASCARAM

No meio do palavreado dos deputados fascistas algumas verdades se filtraram. E não foi só sobre a situação aflitiva dos lavradores e rendeiros e operários agrícolas. Não. Também se filtrou a demagogia com que vão àquela assembleia dar-se ares de quem se interessa pela sorte dos agricultores.

Alguns deles confessaram que se estavam ali a discutir era porque os camponeses já tinham deixado de aguentar em silêncio, que agora se erguem já a reivindicar e a exigir. Por isso, enquanto o dr. Proença Duarte afirma que «quando os camponeses protestam e reclamam é porque já esgotaram todas as suas resistências para continuarem a sofrer e calar a situação de injustiça económica que lhes foi criada», logo outro deputado se ergue e proclama, como bom fascista que é, que o governo deve «criar no trabalhador um estado de espírito anti-reivindicativo»!

Aqui está como eles pensam responder às nossas reivindicações: criando em nós um espírito anti-reivindicativo! Isto quer dizer que o que os choca afinal não é a nossa trágica situação mas sim o facto de protestarmos, reivindicarmos e exigirmos. Mais uma razão para verificarmos como o caminho justo para nós é precisamente o da reclamação e protesto, o caminho da unidade com as demais camadas progressivas da nação para pôr fim ao regime que depois de 38 anos de desprezo pela agricultura ainda acha que não temos o direito de protestar!